



Histórias de vida e o Vera

Bodas de ouro com o Vera



Toshiaki Tateyama (Toshiba)

Coordenador de Esportes

A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar, nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan** (Casa Vera Cruz)

Retrato da capa: **Claudia Cavalcanti**

Pesquisa de imagens/Arquivo Vera Cruz:

Priscila Pires (Comunicação)

Apoio: **Araceli de Carvalho** (Casa Vera Cruz) e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritores: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Ana Júlia Paim, Antonio Ernani Wanderley Bueno de Godoy, Daniel Cimatti e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo:

André Nascimento e Carlos Eduardo dos Reis

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Escola Vera Cruz, em outubro de 2021.

Toshiba começou a trabalhar no Vera em 1969.
Ele se despediu da Escola no final de 2020.

Bodas de ouro com o Vera

Estágio a jato e jornada longa

Entrei no Vera como estagiário, em 1969, e saí em 2020. Mais de 50 anos. Mas minha história começa um pouco antes. Fiz o Ensino Médio numa cidade do interior chamada Araçatuba. Então, eu fiz a opção por Exatas. Porque meu irmão mais velho já estava fazendo. Cheguei em São Paulo em 1968. Em janeiro daquele ano, fui seguir os mesmos passos, fazer o curso Anglo Latino. Chegando no cursinho, soube que só ia começar depois do Carnaval, em março. Daí, fiquei na dúvida se eu iria embora para minha cidade no interior ou se eu ficava em São Paulo, sem fazer nada, esperando. Nisso, encontrei vários amigos de minha cidade e cidades vizinhas, fazendo um cursinho pré-vestibular para Educação Física, e eles me convenceram a também prestar o vestibular para Educação Física. Como eu não tinha nada para fazer, então fiz! E como eu era poliesportista no interior, não tive nenhuma dificuldade nos exames práticos. Tive só alguma dificuldade em alguns exames teóricos e, principalmente, numa prova de natação.

Resumindo, passei no vestibular e aí surgiu aquela dúvida: "Puxa, e a Engenharia?". Estava naquela dúvida, aí o meu pai falou: "Você sempre foi esportista, você gosta de esportes, você passou na USP, são só três anos. Faça a faculdade, se você não se der bem, depois você volta e faz Engenharia de novo". E não me arrependo, não me arrependo mesmo! Logo em 1968, fiz o primeiro ano na metade do ano e fui chamado para o Exército, aqui em São Paulo, na 7ª Companhia de Guardas. Então, tive que trancar a matrícula, e, em 1969, eu retomei a faculdade e fiz o 1º semestre.

Em agosto, um aluno do 3º ano falou para mim: "Olha, Toshiaki, tem oito aulas de Educação Física do primário, numa escola em frente à Maternidade São Paulo, e ninguém conseguiu se adaptar. Vá lá!". "Mas eu nem tenho experiência, como é que eu vou pegar?", "Não! Vá lá, vá lá!". Quem me atendeu foi a Branca [Albernaz, ex-diretora]. Eu disse a ela que eu não tinha experiência alguma, mas que estava disposto a pegar essas aulas. "Então, você faz uma semana de estágio acompanhado de uma professora e depois fazemos uma nova entrevista." Passada uma semana, fizemos um estágio, e na reunião estavam Branca, uma outra professora que fez o estágio e eu. Então, recebi uma proposta da Branca. Eu já era acho que o quarto ou quinto professor que estava tentando dar essas aulas. Ela disse: "Olhe,

sei que você não tem experiência, mas como quase ninguém está querendo ficar aqui, então vamos fazer o seguinte: a gente aceita você, desde que você fique na Escola". "Sim, vou ficar!". Então, iniciei meu trabalho no Vera Cruz em 1º de setembro, desse jeito, como calouro, fazendo um pequeno estágio.

Mas eu queria descobrir por que as pessoas não queriam ficar. Depois de um mês, mais ou menos, cheguei à minha conclusão. Primeiro, havia muitas escolas, nessa época, particulares e públicas, precisando de professores, com muito mais carga horária, porque eram aulas que não eram obrigatórias! As aulas do primário não eram obrigatórias, por lei. As aulas do primário e as outras escolas tinham instalações e materiais, sendo que o Vera Cruz tinha só um campinho de terra e uma quadra no corredor, em L, com um gol na outra ponta do L. Então, por isso o pessoal vinha e acabava não ficando, porque tinha opções melhores.

Nessa época, os alunos estavam acostumados a só jogar futebol no campinho, e as meninas jogavam queimada no corredor. Era essa a programação. Aí, pensei: "Bom, tenho que motivar esses alunos a fazerem alguma coisa a mais, e tenho que conquistar esses alunos!". Porque eles falavam: "Ah, não, professor, a gente só quer jogar isso. Não, não!". Minhas

propostas de atividades tinham realmente uma rejeição muito grande. Conversei com a diretora, e logo em seguida lancei duas motivações.

Na primeira, fiz uma festa de atletismo, na pista do Ibirapuera, e levei todos os alunos para lá; os pais me ajudaram. Fizemos, então, a primeira festa de atletismo, com velocidade, salto em altura e distância, com todos os alunos.

A outra motivação foi que nós começamos a participar de um evento chamado "Campeonato de handebol para escolas do primário." Eu disse para a diretora que só ia levar quem tivesse atitude e postura. As aulas viraram da água para o vinho, todos os alunos queriam entrar na seleção. Foi uma motivação muito grande, perdemos todos os jogos, enfrentamos escolas do primário, Santo Américo, Nossa Senhora do Morumbi... Escolas de ponta! Perdemos todos! Mas fomos a única escola a receber uma carta de elogio, pela forma com que nós cumprimentamos os adversários.

Na modalidade de handebol, tem uma regra internacional que diz que todas as equipes precisam, antes de começar o jogo, cumprimentar o adversário. E a frase é sempre a mesma: "Saúdamos a equipe adversária com três 'ipi uha! Ipi uha! Ipi uha!'".

E o adversário, às vezes, retribui e fala: "Saudamos a equipe adversária com três 'ipi rá, ipi rá, ipi rá'". Quando fiz essa proposta para os alunos, um deles falou: "Professor, não podemos fazer uma outra saudação? Saudamos a equipe adversária com "aquele abraço". E aí fizemos essa saudação e ficou marcado como uma coisa diferente, criativa. O presidente da Federação Paulista de Handebol, depois que terminou o evento, nos mandou a carta elogiando a forma como nós nos comportamos.

Ficamos nessa casa até 1970. E, em 1971, já fomos para a Rua Estados Unidos com a Rua Argentina, numa casa também, nos Jardins. Lá já tinha um pouquinho mais de condições; então, minha programação já foi aumentando, e com os alunos já com essa motivação toda, que já virou tradição. Tínhamos essa festa de atletismo todo ano e também participávamos desse campeonato. Aí, consegui introduzir handebol e basquete. Mesmo improvisado, tinha duas cestas em nosso terreno — que ainda era baldio —, e já começamos a fazer o salto em altura e a ginástica olímpica. Uma programação já bem mais completa, melhor!

Então, aconteceu também outra coisa bem inusitada. Aumentaram a carga horária para duas aulas semanais! Porque a nossa era só uma aula por semana. E os pais já solicitando: "Puxa,

tem Educação Física pra quê?”. Os pais já estavam cobrando uma carga horária um pouquinho maior. Então, desde 1972, aumentou a carga horária. Nesse ano, eu conheci Cynira [Fausto, ex-diretora] e Stella [Mercadante, ex-diretora]. A ideia era trazer o ginásio para cá, e, depois, toda a Escola. Stella me convidou para iniciar, então, o ginásio.

Eu dava aula no primário, 3ª e 4ª série, e, agora, na 5ª série; depois, na 6ª, 7ª e 8ª série. Outra coisa pioneira que planejamos aqui, com Stella e Cynira, é que nossas aulas não seriam separadas, como em 90% das escolas. O que quer dizer, separadas? Os meninos tinham aula com um professor e as meninas tinham uma aula com uma professora. E como nós estávamos iniciando um trabalho, falaram: “É um professor, e as aulas vão ser mistas, meninas e meninos vão ter aula juntos, sem separação”. Isso era uma coisa bem pioneira mesmo! Outra coisa também que ela determinou: nosso corpo docente era 99% feminino, e só Rony e eu como professores. A única área que, pelo menos, ia ter uma figura masculina para os alunos, porque o corpo docente era totalmente feminino. Uma coisa que ficou marcada: as aulas mistas e com professor!

Tivemos alguma desvantagem, no sentido de que as professoras, na faculdade, tinham certa orientação que nós não

tínhamos, e elas talvez pudessem fazer um trabalho educacional um pouquinho melhor, nessa parte em que as professoras tinham não só intimidade, mas certo conhecimento. Porém, nós iríamos ganhar em outros aspectos, na parte de desenvolvimento em todas as outras áreas, porque as meninas teriam que acompanhar o ritmo do grupo masculino. Seriam todos juntos. Então, íamos perder alguma coisa e íamos ganhar, também, em outros aspectos.

Competição e autoconhecimento

Desde essa época, tínhamos essa preocupação de fazer um trabalho voltado, principalmente, para o desenvolvimento individual. O que quer dizer isso? Quer dizer que todos os alunos tinham a capacidade de se desenvolver em relação a si mesmos. Não importa por onde ele começa, que herança ele tem. Tínhamos, realmente, o método de que todos os alunos se comparavam a si mesmos. Outra coisa que nós desenvolvemos sempre aqui foi a polivalência, dentro das nossas possibilidades de instalação, que eram duas quadras e mais um local de salto em distância e salto em altura. Tentávamos fazer com que todos eles tivessem uma experiência dos esportes coletivos: basquete, handebol e as atividades individuais.

Salto em altura, salto em distância, ginástica olímpica e, paralelamente a isso, sempre com alguma atividade de dança e de luta. Não tínhamos uma estrutura de instalações para outras atividades, como natação e futebol de campo, mas dentro da nossa possibilidade, daquilo que era possível, oferecíamos essa vivência e experiência, para que todos os alunos pudessem ver quais eram suas potencialidades, e onde é que cada um se dava melhor, para poderem até escolher o que eles quisessem fazer.

Depois de certo tempo, recebemos das mães a solicitação de alguma atividade à tarde, depois das 17h30. Como alguns pais tinham mais dificuldade de virem buscar os filhos nesse horário, então eles eles fizeram uma proposta pra gente, de criarmos uma atividade extracurricular. Então, nós criamos o Centro de Esportes. No princípio, começou mesmo com o pessoal da tarde, depois fomos estendendo, até que foi ficando para a turma do Verinha. Começava no Verinha e terminava no 6º ano. A partir do 7º ano, eles já tinham o Centro de Treinamento.

Desde o começo, passamos a participar desses eventos externos. O primeiro evento externo grande foram os Jogos Mirins da Prefeitura, de 1973 até 1979, que tinham 30 modalidades.

des, entre esportes coletivos, esportes individuais e jogos de mesa. Então, todos os nossos alunos participavam de alguma atividade. Para os esportes coletivos e individuais, tínhamos uma seleção, mas para outras atividades era a inscrição, porque tinha concurso de desenho, de fotografia, de redação... Além dessas, tinha outras atividades de lazer, hobbies: autorama, ciclismo, dama, xadrez e tênis de mesa... Enfim, eram 30 modalidades. Todos os alunos tinham condições de participar. Nesses seis anos, nós fomos duas vezes bicampeões e quatro vezes vice-campeões. E por que nós paramos de participar? Porque percebemos que as outras escolas estavam considerando que essa atividade dava muita publicidade. Então, algumas escolas também perceberam que seria uma maneira de divulgar a escola. A gente nunca pensou nisso. Nós queríamos que nossos alunos participassem! O resultado era consequência!

Nossos alunos eram treinados para fazer todas as atividades. No final, o resultado era sempre bom. Então, percebemos que outras escolas começaram a especializar os alunos e, depois, contratar gente de outra escola para jogar por essa escola. Chegaram até a contratar gente de outro Estado, do Rio de Janeiro, para competir por essas escolas!

Foi quando passamos a fazer os Jogos Internos, até hoje, para todos e nas várias modalidades individuais, nos moldes da prefeitura. O que nós mudamos é que fizemos a divisão da Escola inteira por quatro cores. No final, a gente faz a premiação daquela cor que conseguiu o maior número de pontos. Então, existe uma integração das séries, porque todas elas pertencem àquela cor, e os professores também.

A competição é uma das motivações para a prática de esportes. Para iniciar qualquer atividade, faço uma primeira avaliação. "Puxa, você está saltando dois metros de distância!" Agora, vamos treinar e avaliar daqui para a frente. Então, a motivação que ele tem para melhorar é muito grande. É importante também não ficar comparando umas pessoas com as outras. Por quê? Porque cada uma é cada uma. Todos nós temos alguma herança: ou esportiva ou intelectual ou artística. Geralmente, sabe? Um pai que é talvez um pintor, às vezes, pode passar aquela herança pro filho. Nossa, aquele filho desenha bem! E, às vezes, pode ser assim: "Nossa, o pai é médico? Opa! O filho também vai ser médico!". Existe muito disso, mas não obrigatoriamente, não é uma regra. Mas na parte esportiva, quando os pais são esportistas, às vezes passam essa herança para o filho, e aí ele se destaca rapidamente: "Nossa, você tem a coisa

nata! Você não nasceu sabendo, mas você recebeu uma herança". E qual a motivação que a gente oferece para outras pessoas que não tiveram essa oportunidade? Meu pai é um intelectual, meu pai... Não tem importância. Ele vai competir consigo mesmo. Ele está saltando quatro metros. Ele que se vire com os quatro metros para melhorar. Você está saltando dois. Se você melhorar para 2,10 m, 2,20 m...! Sempre foi colocado como objetivo pessoal. Se você é ótimo em Português, eu sou ótimo em Matemática, ele é ótimo em Inglês ou em Ciências, mas nós podemos, como um grupo, chegar a um nível médio, a um estágio bom, em todas as áreas. Então, se todos os nossos alunos realmente tiverem essa consciência, vão estar motivados a se esforçar em qualquer área: de artes, nas áreas intelectuais, na área esportiva.

Um técnico educador

Com as atividades e com o meu trabalho, acabei me tornando também um técnico. Qual a diferença entre técnico e professor? O técnico é aquele que lida mais com competição, ele é especializado em algumas modalidades e tem um aprofundamento maior em cada modalidade; o objetivo dele é geralmente competir, como técnico. Já o professor, ele tem toda a parte pedagógica, mas ele não está preocupado em ganhar competi-

ções. Ele está preocupado em fazer com que os alunos tenham uma boa relação com o grupo e que cada um se desenvolva. Mas é possível você ser um técnico educador. Aquele que fala: "Quero ganhar, mas eu vou ganhar com fair play. Não quero ganhar a qualquer custo, não! Eu quero ganhar por mérito, ganhar porque a nossa equipe mereceu ganhar. E se nós perdermos, parabéns para o adversário, que jogou melhor". Isso é você ser educador, pensar numa educação como um todo.

O Vera Cruz deu essa oportunidade e a gente realmente sabe competir com fair play. Até recebemos um elogio, com um ofício direitinho, de que nós somos uma escola fair play. Numa ocasião, fomos disputar uma final de campeonato de futsal, e o adversário ficou no trânsito. O coordenador chegou a falar: "Olha, já deu o horário, vocês ganharam de W.O.". "Não, nós viemos aqui pra jogar. Não viemos aqui pra ganhar de W.O. Vamos esperar!", "Então, vocês querem esperar, esperem." Era o Colégio Bandeirantes, chegou atrasado. "O resultado pouco importa, viemos aqui para jogar e jogar!" E jogamos, perdemos. Não teria nenhum sentido, ganhando... Não.

Então, isso ficou marcado, na hora, pelo grupo. Nós temos essa postura. E passamos para nossos alunos que isso é o mais importante. Por isso a gente era uma das escolas mais con-

vidadas para os eventos externos. A gente nem dava conta de tantos convites que a gente recebia. Além de a gente melhorar o nível da competição, eles sabiam que a nossa equipe tinha todas essas qualidades de não dar W.O., de estar no horário, de não criar nenhum atrito, pelo contrário. A gente até faz amizade com outras escolas, independentemente do resultado. E o resultado, na maioria das vezes, era ótimo.

Para além do esporte

Desde 1969, a Escola já tinha acantonamento. A 4ª série era a única que saía para fazer o acantonamento. Qual é a diferença entre acantonamento e acampamento? O acampamento, normalmente, você faz com barracas, como acampar; no acantonamento você vai para um local próprio. Desde 1969, a Escola já tinha uma turma que ia acantonar em Campos de Jordão. Eu até me lembro do acantonamento, chamado Acampamento dos Pumas. Esse acantonamento já era tradição. Depois, começamos a ir a um acantonamento chamado Paiol Grande. Ficamos mais de 20 anos no Paiol Grande. E fomos, então, estendendo para as outras séries: 3ª, 2ª. Depois foi pra 5ª, 6ª, 7ª, 8ª... Então, chegamos da 2ª até a 8ª série, todo mundo, uma vez por ano, já ia fazer esse acantonamento.

Bom, com essas atividades, falei: "Puxa, tenho que ver o que nós vamos fazer nessas atividades aí". Então, primeiro o teatro. E o teatro favorece a música, a dança, que a gente é obrigado, realmente, a aprimorar nesses acantonamentos. "Ô, professor! Queremos fazer serenata!" "Puxa, que legal. Vamos fazer serenata, no chalé!" Bom, alguém toca violão? Oba, tem um que toca, beleza! Então, quando tinha alguém que tocava, era uma beleza. Quando tinha uma professora que tocava, como a Teresa... Mas e quando não tinha ninguém? No último dia, fogueira, sempre! Via clarear aquela fogueira lá... queimando, queimando... Tem que acontecer alguma coisa nessa fogueira, tem que animar! Bom, o que eu fiz? Comprei um violão, nunca tinha tocado violão, comecei a tocar algo, e nunca tinha cantado na minha vida. E comecei desse jeito!... E sempre tinha a música, que eles adoravam fazer.

Desde 1970, também lidei com Festa Junina. E na Festa Junina sempre tem a quadrilha. E se ninguém puxa a quadrilha, como é que vamos fazer? No início, tivemos ajuda de uma professora chamada Célia. Quando ela falou que tinha se aposentado, acabei assumindo. Então, a partir daí, acabei assumindo as Festas Juninas e as quadrilhas também. Eu que puxava. Mas eu tinha que tentar ver como é que eu ia fazer para motivar esses alunos. A primeira coisa que eu fiz foi ser o primeiro a vir fantasiado!

Porque, se eu não me fantasiar, os alunos não estão nem aí. Porque é muito fácil falar para os alunos: "Pessoal, vocês têm que vir fantasiados," mas eu mesmo não vir. Fica uma incoerência. Eu já vinha fantasiado até no dia do ensaio, ou antes, quando eu ia conversar com os alunos. E como meu apelido era Toshiba, ficou Nhô Shiba. Então, até hoje alguns alunos falam: "Oi, Nhô Shiba!"

Tinha uma formatura e aí me convidaram: "Olha, você vai ser o mestre de cerimônia". Acabei sendo mestre de cerimônia de formatura. "Olha, no Feito por Nós vai ter um leilão, você vai ser o leiloeiro das obras de arte que os alunos fizeram." "Não tem problema, vou pro leilão." E aí, então, acabei desenvolvendo esse lado da dança também, de forró, de samba, country, pagode russo.

Já o Mexa-se foi uma coisa mais recente. Stella me disse: "Os professores estão querendo uma atividade para depois da aula". Então, convidei os professores para fazer as atividades variadas, professor de Música, de Teatro, de Educação Física, de Jogos Cooperativos. Isa, André, Carlos, Jopa, Ricardo, Saliba... Era uma atividade bem dinâmica; a cada semana, tinha um professor com uma atividade diferenciada. O pessoal sentia muita falta de alguma atividade que os funcionários pudessem fazer.

Essas atividades foram todas em função da Escola. A Escola me favoreceu e me exigiu. Fui obrigado a aperfeiçoar algumas coisas e a tomar a iniciativa de tentar aprender, e assim por diante. Então, realmente essas atividades na Escola são um ponto forte.

Outra coisa também que a Escola já tem como tradição é a nossa confraternização. Sempre me preocupei, porque os funcionários da Escola vestem a camisa. Então, comecei a organizar essa confraternização. No início, era só para a nossa Unidade, porque eu não tinha nenhum vínculo nem com o Verinha, nem com o Ensino Médio. Então, meu vínculo era só aqui, no Verão. Mas depois, nesse último ano, a gente estendeu. Acabei também organizando aqui e ficaram, nesses últimos tempos, dois eventos de confraternização, no meio e no final do ano. Ultimamente, estava bem estruturado. Espero que continue, porque era uma coisa de integração, principalmente, da parte administrativa. O pessoal não conhece a turma daqui, de lá, e tal. Então, puxa vida, vamos nos reunir, vamos nos conhecer, vamos passar um momento descontraído.

Transição programada

Eu já vinha me programando. Não somos eternos. Temos que ter essa consciência de que uma hora a gente vai ter que deixar; a gente tenta sempre fazer uma passagem. Acho que isso é que é o mais importante, para não haver uma quebra. Uma preocupação que eu sempre tive foi a de que a gente sempre tem que deixar uma contribuição. A gente tem a consciência de que a realidade vai sendo atualizada, transformada. Mas se for possível aproveitar toda a experiência, tudo aquilo que deixou, aquela contribuição é fundamental. Esta é a minha grande preocupação: deixar realmente um legado. Vim me preparando aos poucos pra essa aposentadoria, mas não consegui completar, porque no ano passado a gente tinha toda uma estrutura de passagem já com uma outra pessoa, o professor Ricardo Lobo. Mas tivemos que terminar no mês de março, quando chegou a pandemia. Infelizmente, não deu para a gente completar toda essa passagem.

Nossa preocupação inicial era com a parte pedagógica; avançamos bastante, mas as outras atividades não deu nem para começar. A Festa Junina, o Feito por Nós, os Jogos Internos. A Copa Vera Cruz — um evento em que a gente convida outras escolas —, ficou tudo assim, sem uma passagem. É só o que eu

lamento: não ter tido essa continuidade. Sinto falta ainda desse contato com os alunos, com os professores, com as atividades, mas, atualmente, estou tentando levar, para outros locais, alguma experiência daqui — principalmente divulgando minha cultura japonesa. Levo muito a coisa da culinária, a dança folclórica. Fora karaokê e videokê. Pra onde vou, eu levo. Se tem brasileiros, eles participam e aprendem a dançar.

É um prazer estar aqui de novo, pensando, falando.

Depoimento concedido em 27 de outubro de 2021, na Escola Vera Cruz





Uma realização da Escola Vera Cruz | 2021

